

MARCOS BAGNO E A LUTA CONTRA O FOLCLORE LINGUÍSTICO

Professor discute questões políticas a partir dos estudos de linguagem

POR Diego Gouveia



Para esta edição, a equipe da Revista Acene queria trazer um nome de projeção nacional com atuação importante na área da educação. Não demorou muito para que o escritor, tradutor e linguista Marcos Bagno surgisse como uma forte opção. A dúvida era se conseguiríamos um contato rápido com ele – que certamente tem uma agenda superapertada – e se teríamos as respostas para a entrevista a tempo. No entanto, algo nos dizia que tudo daria certo. Prova disso é que nem traçamos um plano B. Uma pesquisa no Google levou ao site do professor e também a seu perfil no Facebook. A primeira tentativa de aproximação foi feita no dia 17 de janeiro, uma sexta-feira. Em um email, apresentamos a proposta da publicação e o convidamos para ser o entrevistado de maio/junho. Menos de dez minutos depois do envio da mensagem eletrônica, recebemos um retorno cordial e disposto a colaborar. Antes de preparar o email com as perguntas, uma breve leitura sobre Bagno na internet nos levou a pensar como suas teorias desafiaram autoridades da área da Linguagem no Brasil. Com o seu olhar ousado sobre as práticas dos usuários da língua portuguesa, o autor questionou a norma culta do idioma e apontou novos caminhos para o uso do português. Em “A Língua de Eulália” (1997) e “Preconceito Linguístico” (1999), estão as principais críticas dele em relação ao uso exclusivo da gramática normativa. Chamado de “depredador da norma culta”, acusado de colocar “burro na sombra” e de prestar um “desserviço à sociedade” por causa de suas ideias contrárias ao uso de uma gramática descontextualizada e sem respeito às variações linguísticas, Marcos Bagno aguenta com coragem as severas críticas e mantém firme sua posição nos estudos linguísticos. Hoje, Bagno é professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados, entre literatura e obras técnico-didáticas. Atua mais especificamente na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como questões pedagógicas sobre o ensino de português no Brasil. Em 2012, ganhou o Prêmio Jabuti com o livro “As memórias de Eugênia”. Conheça nas próximas páginas um pouco mais sobre as ideias originais desse importante linguista brasileiro.

“
 Existe um descompasso
 entre a língua da
 universidade e a da ruas
 ”

De onde surgiu o seu interesse pelas questões de linguagem? Pode contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica?

Desde muito cedo me interessei pela linguagem. Aprendi a ler praticamente sozinho. Quando fui para a escola, passei logo para o segundo ano porque já sabia ler e escrever. Como sempre tive muitos livros em casa, a leitura se tornou um hábito constante. Uma predisposição à vida intelectual me afastava das brincadeiras e jogos habituais das crianças da minha idade. Junto com a leitura, o gosto por escrever também se manifestou na infância e, desde então, escrevo quase diariamente, como não poderia deixar de ser para quem é professor universitário, pesquisador, tradutor, colaborador de revistas e sites, escritor de poesia e literatura infanto-juvenil. Ao ter de escolher um curso universitário, optei por Letras. Iniciei minha graduação na Universidade de Brasília (onde trabalho hoje) e conclui na Universidade Federal de Pernambuco, onde também fiz meu Mestrado em Linguística. Vivi por sete anos no Recife, onde nasceram meus três filhos. Em 1994, vim com minha família para São Paulo e lá cursei meu doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Paralelamente a essa formação, e mesmo bem antes dos estudos universitários, meu interesse por línguas estrangeiras me levou a estudar francês, inglês, espanhol e italiano, na maior parte do tempo por conta própria, lendo gramáticas e livros nessas línguas, ouvindo música e indo muito ao cinema. Com isso, pude exercer a profissão de tradutor e de intérprete simultâneo de conferências. A tradução é um ofício que me agrada muito, porque nela muitas das questões teóricas mais importantes das ciências da linguagem se colocam de maneira mais premente. Em 2002 ingressei na Universidade de Brasília (UnB), onde atuei inicialmente na área de Linguística e, desde 2008, na área de Tradução. Iniciei minha carreira literária em 1988, quando fui vencedor

do Prêmio Nestlé de Literatura, o mais importante prêmio literário daquela época, na categoria contos com o livro “A invenção das horas”. Minha primeira obra técnico-didática foi “A língua de Eulália: nova sociolinguística”. Ali pude reunir o linguista e o escritor em um livro sobre variação linguística em forma de romance. De lá para cá, entre literatura e obras acadêmicas já são mais de trinta títulos.

Você costuma se envolver em algumas polêmicas na forma como compreende a linguagem e seus usos. De onde surgiram suas ideias?

Existe um descompasso muito grande entre o que se faz nas universidades no campo das ciências da linguagem e as ideias que circulam na sociedade sobre língua, ensino de língua etc. Há mais de 200 anos, quando se iniciaram os primeiros estudos propriamente científicos sobre as línguas humanas, os postulados arcaicos da gramática tradicional – fixados no mundo de língua grega cerca de 300 anos antes de Cristo – foram definitivamente abandonados em favor de conceitos e teorias desenvolvidos por meio do estudo comparativo entre as diferentes línguas, da análise minuciosa dos processos de mudança das línguas, do exame dos fenômenos sociais de propagação das línguas etc. Desde então, as ciências da linguagem têm progredido enormemente, abrangendo uma série de disciplinas importantes, com um gigantesco volume de pesquisas mundo afora. Além disso, como não poderia deixar de ser, as demais ciências humanas e sociais se deram conta do papel fundamental da linguagem na vida dos seres humanos, como indivíduos e como sociedades, e disso surgiram as interdisciplinas que têm a linguagem como foco de interesse: sociolinguística, psicolinguística, sociologia da linguagem, antropologia linguística, políticas linguísticas, filosofia da linguagem, estudos do discurso, pragmática linguística, neurolinguística e por aí vai, e vai longe. Infelizmente, por uma série

de razões sociais, históricas e políticas, os pressupostos arcaicos da tradição gramatical não sofreram o mesmo abalo que sofreram outras concepções igualmente arcaicas. Assim, hoje em dia, as pessoas bem informadas sabem que é a Terra que gira em torno do sol (e não o contrário, como se acreditava até o século XVI), que as moscas não nascem da carne podre, mas de ovos postos por outras moscas; que os seres vivos atuais resultam de um longo processo de evolução etc. No entanto, essas mesmas pessoas ainda acreditam que existe uma única maneira “certa” de falar e que

“
O ensino de
português
nas escolas
é um
fracasso
”

todas as demais são “erradas”, aceitam e difundem noções completamente equivocadas como a de que os brasileiros falam mal a língua, que “pertence” aos portugueses; que antigamente (numa época de ouro mítica nunca definida) se falava melhor e mais bonito do que hoje; que a geração atual está “arruinando” a língua, que é preciso conhecer todos os termos e conceitos da gramática tradicional para “saber português” etc.

Funcionam como mitos?

Nenhuma dessas ideias tem fundamento empírico, isto é, nenhuma delas se comprova na realidade, por isso são

chamadas de mitos. Mas estão muito bem arraigadas na cultura mais ampla, formando o que eu chamo de “folclore linguístico”. O que eu e alguns outros linguistas tentamos fazer, então, é algo até mesmo banal: divulgar os resultados dos avanços das ciências da linguagem para um público mais amplo, mostrar por que é preciso criar uma nova concepção de língua, de ensino de língua, para que ideias tão atrasadas e, principalmente, preconceituosas sejam abandonadas, pois prejudicam o bom convívio social e colaboram para a exclusão e a discriminação. No entanto, como a língua sempre tem sido um instrumento de controle e dominação política – eu sei a língua “certa”, eu conheço “a gramática”, então sou superior a você e mereço estar no topo da sociedade –, as ideias científicas sobre língua ameaçam estruturas de poder e de dominação. Como quem tem o poder não quer perdê-lo, qualquer ameaça é vista como perigosa, “subversiva”. Não admira, por exemplo, que, no Brasil, sejam precisamente os mesmos meios de comunicação conservadores, que fazem campanha sistemática contra qualquer processo de democratização das relações sociais, que também sejam os maiores defensores da ideologia linguística conservadora: basta ver como a revista *Veja*, porta-voz do espectro mais reacionário da sociedade brasileira, aborda as questões de língua e de ensino. Felizmente, as instâncias superiores de educação (o Ministério da Educação, por exemplo) já reconheceram o papel fundamental das ciências da linguagem na renovação do ensino, e as políticas oficiais voltadas para a educação linguística há um bom tempo são elaboradas com assessoria científica especializada. Com isso, aos poucos, uma visão mais sadia e menos preconceituosa de língua e de ensino de língua vai chegando aos cursos de formação de docentes e, a partir daí, às escolas fundamental e média. Mas é um longo processo que está apenas se iniciando.

O que acha do ensino de português

nas escolas hoje em dia? Que balanço poderia fazer em relação a anos anteriores?

O ensino de português nas escolas brasileiras é um absoluto fracasso, uma catástrofe absoluta. No meu último livro “Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português” (2013), tem um capítulo intitulado “Curso de Letras? Pra quê?”. Ali, eu examino a estrutura atual da formação dos docentes de língua e mostro que ela está mais do que ultrapassada, a começar pelo próprio nome “Letras”, que remete a um ideal de “língua correta” e de “boa literatura” que vigorava no século XIX, antes do desenvolvimento das ciências da linguagem em sua vertente moderna. Os cursos de formação docente no Brasil deixam de lado uma série de coisas muito importantes e gastam muito tempo com outras coisas totalmente irrelevantes. Além disso, a deterioração da profissão docente só faz piorar esse quadro. Por que se dedicar ao ensino, com todas as responsabilidades e pressões que essa profissão implica, se, sendo caixa de supermercado ou ascensorista, a pessoa vai receber o mesmo salário, se é que não recebe mais? E a questão não se limita aos salários: as condições de trabalho são péssimas, a violência em sala de aula é alarmante, não admira que os professores sejam a categoria profissional com maior número de problemas de saúde. O Brasil tem progredido muito na redução da pobreza, na ampliação do consumo, tem alcançando índices econômicos cada vez mais altos, porém a educação permanece negligenciada e isso, a longo prazo, senão a médio prazo, vai ter consequências sérias para a nossa sociedade.

Considera a discussão sobre preconceito linguístico um debate importante atualmente para o Brasil? Continua pesquisando nessa área?

A discussão sobre o preconceito linguístico se insere nos debates mais amplos sobre todas as formas de discriminação e exclusão. O Brasil, por

sua própria história, por sua formação social, tem uma sociedade que ainda é extremamente desigual e, por isso, muito preconceituosa. A violência contra a mulher indica que as relações entre os gêneros estão longe de ser pacíficas, que a mulher ainda é vítima de um tratamento altamente discriminador, seja no trabalho (as diferenças salariais ainda são enormes), seja na vida doméstica, com o assassinato frequente de mulheres a todo momento. O Brasil é a maior nação negra do mundo depois da Nigéria, metade da nossa população é não-branca, mas os não-brancos ainda apresentam os piores indicadores sociais: a maioria dos analfabetos, a maioria dos subempregados, a maioria da população carcerária,

as principais vítimas da violência policial etc. O Brasil ostenta o triste recorde mundial de assassinatos de homossexuais, o que mostra o forte preconceito contra as orientações sexuais não-heterossexuais. Dentro desse grande pacote de discriminações, também entra a discriminação por meio da linguagem, geralmente deixada de lado até mesmo pelos que militam contra as outras formas de exclusão. O preconceito linguístico é tão impregnado, tão “naturalizado”, que muitas pessoas nem se dão conta de que ele existe. Por isso é tão importante falar dele, e falar dele com conhecimento de causa e combatê-lo com argumentos racionais, apoiados na boa ciência linguística. 🌐

